

Propostas imediatas

por Patrícia Sébola
de São Paulo

"Não sou autoridade, ninguém me quer ouvir, mas de palestra em palestra repito a mesma coisa." As palmas a mestre Octávio Gouvêa de Bulhões, ex-ministro de Castelo Branco e ex-vice-governador do Fundo Monetário Internacional, mostraram que ele é modesto: nada menos de 350 empresários ouviram-no, contritos, riram com seu bom humor e apolaram sua "proposta ao governo brasileiro": fim ao gradualismo, pois "o povo está saturado" desta estratégia; só um tratamento de choque atingirá mortalmente a inflação, através da contenção de expansão da moeda.

Escolhido pelo grupo Fenícia como a melhor forma de comemorar os 33 anos da empresa, segundo o presidente Jorge Wilson Simeira Jacob, o professor Bulhões lotou o auditório do Hotel Hilton, de São Paulo, e de pé, durante uma hora e meia, respondeu a perguntas e desfilou sua tese de combate ao acréscimo de crédito ("que de forma nenhuma traz recessão"). Mais tarde enfatizou que as propostas dos doze empresários do Fórum da Gazeta Mercantil pecam num ponto: "Eles propõem soluções de

médio e longo prazos. As minhas são imediatas".

Cessada a expansão da base monetária (emissão primária de moeda) e dos meios de pagamento (depósito nos bancos e dinheiro em poder do público), a inflação é fulminada e as taxas de juros caem, garante o professor. Antes mesmo de o Brasil partir para a renegociação de sua dívida externa, "primeiro deveria arrumar a casa, e arrumar a casa significa derrubar a inflação e preparar a recuperação da economia". Lembrando que a fórmula foi adotada com sucesso nos governos Arthur Bernardes e Café Filho, Bulhões gastou cinco das oito páginas de seu "speech" reforçando sua receita com o exemplo dos Estados Unidos — que iniciou um processo inflacionário quando Kennedy insistiu na expansão monetária para reativar a atividade industrial, em 1964 e 1965.

Acentuando que o governo brasileiro vem impondo sacrifícios ao povo há vinte anos, o ex-ministro da Fazenda explicou por que é contra o Decreto-lei nº 2.045, que reduz os salários: "As pessoas podem se queixar amargamente de o governo não ter atacado as causas, mas os efeitos da inflação".